

RESENHAS

ESPANCA, F. *Antologia*.
Organização e apresentação de
Maria Lúcia Dal Farra. Rio de
Janeiro: Agir, 1995. 162p.
(Nossos Clássicos, 121).

“Tenho horror a tudo quanto de perto ou de longe se assemelha à popularidade. Abomino mesmo o meu pobre nome por não ser um nome como o de toda a gente ...” (p. 129). Assim se manifestava Florbela Espanca, em 1928, a respeito da publicidade do seu nome e da sua obra literária. A contrariar esta sua declaração estava, porém, a sua incansável colaboração em jornais provincianos, em suplementos de *Modas & Bordados* e em revistas femininas — tudo, enfim, o que ela tinha ao seu alcance —, bem como a empenhada procura de editores para os seus livros.

Na verdade, além do provincianismo a que, em razão de circunstâncias da sua vida pessoal, a escritora teve que se submeter, é preciso levar em conta outros dois agentes de grande responsabilidade na determinação da marginalidade de Florbela e do reconhecimento tardio dos seus méritos literários: de um lado a cultura masculinizante que inspirava os intelectuais portugueses do seu tempo (tivessem eles ou não consciência disso); de outro lado o conservadorismo de determinados segmentos católicos que consideravam escandalosamente impudica a sua obra. Como consequência dessa dura rea-

lidade, só depois do suicídio da autora é que a obra atraiu a atenção de alguns críticos, mais ou menos ilustres, que afinal exerceram um papel importante como divulgadores de Florbela Espanca, garantindo-lhe a pouco e pouco a publicidade que ela dizia desdenhar.

Papel semelhante ao de Guido Battelli — que se empenhou na edição póstuma de parte bastante significativa da obra da escritora — tem desempenhado mais recentemente a brasileira Maria Lúcia Dal Farra. Papel semelhante, ressalte-se, *mas com um rigor crítico evidentemente muito maior* que o daquele amigo italiano de Florbela. Senão vejamos.

Além dos ensaios florbelianos que vem publicando com notável freqüência desde 1983 (salvo erro), Maria Lúcia Dal Farra é responsável por um cuidadoso estabelecimento do texto da juvenília poética que Florbela reuniu, entre 1915 e 1917, num caderno manuscrito intitulado *Trocando olhares*. Trata-se de um trabalho de organização crítica — que mereceu o reconhecimento da imprensa oficial portuguesa, que editou o texto em 1994 —, introduzido por um estudo de fôlego em que a organizadora procura apontar nos poemas juvenis, ainda em germe, os elementos que vieram a caracterizar a poética da maturidade literária de Florbela. Mas ainda há mais: a editora paulista Martins Fontes investiu recentemente na edição de *poesia completa* da escritora portuguesa, organizada pela mesma Maria Lúcia (1996). E há, de 1995, a *Antologia* que aqui venho resenhar. Digno de nota e de louvor, sem dúvida, o tra-

balho de crítica e de divulgação a que se tem dedicado a estudiosa, atualmente professora da Universidade Federal de Sergipe.

Esta *Antologia* de Florbela é preciosa: reúne 16 quadras à maneira popular, 10 sonetos e outros três poemas (“Doce milagre”, “Triste passeio” e “Súplica”) originários de *Trocando olhares*, além de 9 sonetos do *Livro de mágoas*, 10 do *Livro de Sórora Saudade*, 15 de *Charneca em flor* e 7 de *Reliquiae*. No que toca à prosa da escritora, temos o conto intitulado “À margem dum soneto” — extraído do volume *O dominó preto* —, alguns belos fragmentos do *Diário e 7 cartas* que merecem mesmo especial relevo na epistolografia florbeliana na medida em que patenteiam, de um lado, as mais fortes relações afetivas da autora e, de outro, o seu tenaz interesse em divulgar a sua obra literária. Não bastasse isso, ainda vêm enriquecer a coletânea: uma tábua cronológica com “Dados Biográficos” de Florbela; duas listas bibliográficas — uma “Bibliografia da Autora” e uma “Bibliografia sobre a Autora” —; uma seção de “Julgamento Crítico” em que se transcrevem algumas opiniões de ilustres críticos da escritora (José Gomes Ferreira, António Ferro, Jorge de Sena, José Régio, Vitorino Nemésio, Agustina Bessa-Luís, Natália Correia, José Carlos Seabra Pereira e Óscar Lopes); um panorâmico “Mapa Situacional” que indica, a par dos episódios mais importantes da biografia de Florbela, acontecimentos que marcaram a cultura e a política mundiais de 1894 a 1930; algumas “Sugestões de Leitura” ou propostas de exercício de análise e de inter-

pretação das peças antologizadas; e, *last but not least*, uma “Apresentação” em que a antologista retrata um quadro esclarecedor da condição ainda lamentável das mulheres no contexto histórico-social e cultural de Florbela Espanca — quadro em que se fundamenta um instigante “Estudo Crítico” da obra em questão.

Tanto a seleção dos textos (*de e sobre* Florbela) quanto a leitura que deles transparece na “Apresentação”, nas oportunas e sistemáticas notas de rodapé e mesmo nas “Sugestões de Leitura” são norteadas por duas teses evidentemente valiosas para a antologista: uma de base *sociológica*, que elege como valor essencial na obra de Florbela — na esteira, aliás, de Jorge de Sena — “um questionamento da condição feminina” (p. 33); outra de base *genético-literária*, que tende a valorizar — e às vezes supervalorizar, a meu ver — os poemas de *Trocando olhares* (a juvenília de Florbela) como lugar de *inauguração* que irradia já, ainda que de maneira incipiente, todos os aspectos mais característicos da poesia madura que se encontra nos *Sonetos completos*.

Sob o influxo das duas teses — e com muito engenho, cumpre ressaltar —, Maria Lúcia Dal Farra detecta na poética de Florbela, desde a sua nascente, uma prática de inversão cultural da vassalagem amorosa, que “desmascara um mito social: não é a mulher o objeto do serviço amoroso, mas sim o homem” (p. 33). E curiosamente — nota ainda a estudiosa —, esse “desmascarar” da *praxis* social estabelecida faz-se acompanhar de um sis-

temático “mascarar-se” da poetisa, que no plano literário parece estar permanentemente disposta a um “esforço de construção de uma identidade feminina” (p. 43). É esta a leitura — instigante, repito — que rege o processo de seleção das peças antologizadas e que, pela sua pertinência e acuidade, faz desta *Antologia* um livro indispensável tanto para iniciandos quanto para iniciados em Florbela Espanca, uma coletânea certamente *privilegiada* — que não nos engane o pequeno formato da coleção “Nossos Clássicos”! — porque traz, quanto mais não seja, a assinatura de uma especialista na matéria que apresenta.

De fato, são tão notáveis o rigor crítico e o vigor do conhecimento de Maria Lúcia Dal Farra acerca de Florbela Espanca que qualquer lapso aqui chama logo também, por contraste, a atenção do leitor iniciado. É o caso da valorização dos poemas juvenis de Florbela — pertencentes ao *Trocando olhares* — em detrimento de poemas da sua maturidade como os de *Reliquiae*, coletânea póstuma que tem apenas sete dos seus sonetos contemplados pela antologista. E se esse procedimento se justifica deveras pela necessidade de mostrar mais ao leitor aquilo que ele mal conhece porque só recentemente tem sido publicado — justamente os poemas de *Trocando olhares* —, há todavia algumas afirmações categóricas que, ou porque não se revela a fonte bibliográfica (ou outra) que as possa legitimar, ou porque parecem inflexíveis a quaisquer possibilidades alternativas em relação àquilo que se afirma, nos permitem o atrevimento de dirigir duas ou três perguntas à ilustre estudiosa.

A primeira pergunta diz respeito à fonte de informação em que se baseia a afirmação de que a edição de 200 exemplares do *Livro de mágoas*, em 1919, foi “financiada pelo pai” (p. 155) de Florbela. É possível afirmar com segurança que a edição foi integralmente financiada por João Maria Espanca? É provável que sim. Mas será possível afirmar com a mesma segurança — e aqui vem a segunda pergunta — que Apeles Espanca se *suicidou* (p. 122)? Mesmo que se tenha em conta a longa carta destinada a Apeles em 5 de Janeiro de 1926 (carta que faz falta, aliás, nesta *Antologia*), onde Florbela procura confortar o irmão que pensara em suicídio após a morte de uma namorada — mesmo assim não seria sensato admitir também a hipótese de ter sido realmente uma pane a causa do acidente aéreo que vitimou Apeles em Maio de 1927?

Uma terceira pergunta diz respeito aos sonetos “A um livro”, “A minha tragédia” e “A maior tortura”, tais como aparecem na sua versão original, a versão de *Trocando olhares*. Afirma Maria Lúcia Dal Farra que na sua versão primeira estes poemas constituem um ciclo de “Sonetos” que Florbela dedicou “Ao grande e estranho poeta A. Durão” (p. 65). Mas teria mesmo a autora pretendido dedicar *todos* os cinco sonetos que integram esse ciclo ao poeta Américo Durão?

A mesma Maria Lúcia publicou na revista *Colóquio-Letras* (1994), de Lisboa, um artigo minucioso que, elucidando as ligações entre o ciclo de cinco sonetos com que Florbela encerrou a seção poética do seu *Trocando olhares* e o livro *Vitral da*

minha dor que Durão publicou em 1917, comprova cabalmente a interlocução da poetisa com o seu contemporâneo. Mas — volto a perguntar — a existência inquestionável dessa interlocução será razão suficiente para que se afirme categoricamente que a dedicatória de Florbela “Ao grande e estranho poeta A. Durão” é válida para os cinco sonetos do ciclo e não apenas para o primeiro deles, o “Desalento”, título que ela própria acrescentou, no seu caderno manuscrito, imediatamente *acima* — e não imediatamente *abaixo*, resalto — da dedicatória a Durão? Não seria prudente considerar pelo menos como plausível a hipótese alternativa segundo a qual Florbela pode ter dedicado a Durão apenas o soneto “Desalento”, tendo sugerido já no segundo soneto, intitulado “A um livro”, a sua interlocução com o *Só* de António Nobre (o seu querido “Anto”, evocado aqui pela rima de “canto” com “manto” que faz a conexão dos tercetos)? A este respeito, aliás, cumpre lembrar que a leitura do *Só* também marca de maneira notável a transição da juvenília para os sonetos da maturidade de Florbela, fazendo-se sentir especialmente no *Livro de mágoas* desde o seu soneto de abertura, que mantém forte intertextualidade com o soneto “Memória” com que se inaugura o volume de António Nobre.

Por último, atrevo-me ainda a apontar o que me parece uma incongruência na composição da “Bibliografia sobre a Autora” arrolada no final da *Antologia* (p. 139-43). Ali a antologista indica apenas os estudos que julga “proeminentes”, dentre os quais estão, todavia, alguns (o de Thereza

Leitão de Barros, o que Celestino David publicou em 1930, o de Guido Battelli, o de Hortense de Almeida, o de Aurélia Borges, o de Maria da Graça Freire Azambuja e o de Carlos Sombrio) que na “Apresentação” que abre o volume haviam merecido a qualificação de “crônicas ou comentários subjetivos” (p. 25) sobre a obra de Florbela, matérias que “nenhum rigor analítico ostentavam” (p. 25). Afinal, *todos* os títulos arrolados na “Bibliografia sobre a Autora” são mesmo “proeminentes”, ou entre os mais importantes há também alguns referentes a comentários subjetivos sem qualquer rigor analítico?

Mas estas questões são, na verdade, de pouca monta. São aqui apenas um pretexto para falar de Florbela Espanca e do valioso trabalho de divulgação e de crítica literária que lhe tem dedicado a estudiosa Maria Lúcia Dal Farra, responsável pela *Antologia* que certamente dará novos admiradores à carismática escritora portuguesa.

Renata Soares Junqueira